

AS FIGURAS DE AUTORIDADE NAS HQs DE MAFALDA

LAS FIGURAS DE AUTORIDAD EN LAS HISTORIETAS DE MAFALDA

Danielly dos Santos Silva¹

Jozefh Fernando Soares Queiroz²

Resumo: este trabalho se debruça sobre um conjunto de onze tiras da personagem Mafalda, pertencente à série de mesmo nome, publicada entre as décadas de 60 e 70, pelo quadrinista argentino Quino. Na série, observa-se uma personagem crítica e reflexiva em relação às situações vividas em seu cotidiano com diferentes formas de manifestação desse pensamento. Neste recorte específico, foram escolhidas para análise as figuras de autoridade existentes no círculo social de Mafalda e como se dá sua relação com tais figuras, considerando as condições que a tira foi produzida (no contexto da ditadura militar argentina). Para isso, são requeridas leituras sobre riso, humor, história em quadrinhos argentinos e a construção do humor como ferramenta narrativa. Desta forma, por meio das perspectivas teóricas de Bergson (2001), Ramos (2010), Cosse (2014), dentre outros, analisamos as imagens de autoridade projetadas nesta série cômica, sobre como se desdobram as relações de Quino e Mafalda com as mesmas. Conclui-se, por meio deste estudo, que as diferentes formas de operar a linguagem humorística contribuíram para que a tira pudesse ser publicada no período obscuro da história argentina, visto que tais críticas são, por vezes, mais ou menos veladas graças as formas com que opera o humor.

Palavras-chave: Mafalda; Quino; História em quadrinhos; Autoridade; Autoritarismo.

Resumen: este estudio se dedica a analizar once tiras de Mafalda, personaje de la serie que lleva el mismo nombre, publicada entre los años 60 y 70 por el historietista argentino Quino. En la serie, se observa un personaje crítico y reflexivo respecto a las situaciones vividas en su cotidiano, además de diferentes formas de manifestar este pensamiento. En este recorte específico, se eligieron para análisis las figuras de autoridad existentes en el círculo social de Mafalda y cómo ésta interactúa con tales elementos, considerando las condiciones en las cuales se produjo la tira – el contexto de la dictadura militar argentina. Con tal de lograr este objetivo, se requieren lecturas sobre la risa y el humor, sobre la historia de la historieta argentina y sobre la construcción del humor como herramienta narrativa. De esta manera, a través de perspectivas de teóricos como Bergson (2001), Ramos (2010), Cosse (2014), entre otros, analizamos las imágenes de autoridad que se proyectan en esta serie cômica y como se desarrollan las relaciones de Quino y de Mafalda con el autoritarismo. El estudio concluye que las diferentes formas de operar el lenguaje humorístico contribuyeron para que la tira pudiera haber sido publicada en un período obscuro de la historia argentina, puesto que tales críticas son, en algunos casos, más o menos evidentes, gracias a las diferentes formas de actuación del humor.

Palabras-clave: Mafalda; Quino; Historieta; Autoridad; Autoritarismo.

¹ Graduada em Letras Espanhol pela Universidade Federal de Alagoas.

² Docente do curso de Letras Espanhol da Universidade Federal de Alagoas.

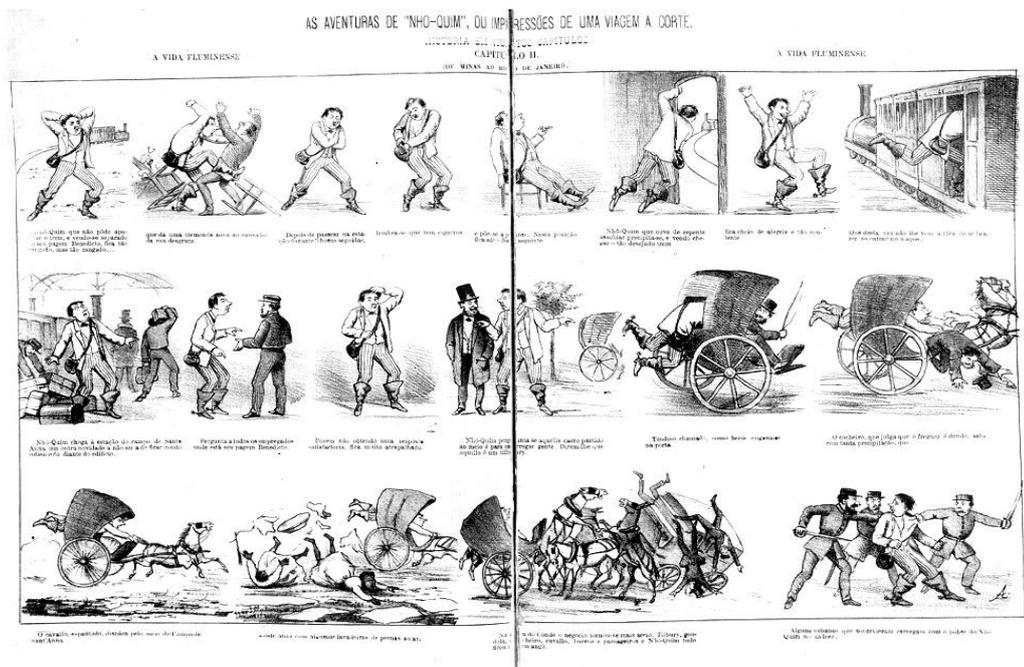
1. Introdução

Durante o século V, São Nilo teve a ideia de desenhar as histórias bíblicas com a intenção de evangelizar a população analfabeta, que naquela época era a grande maioria da sociedade, tendo em vista a expansão do número de fiéis a ser alcançada. Com essa ideia, o então monge conseguiu atingir seu propósito, pois as pessoas que não eram letradas passaram a fazer leituras das imagens das histórias do Antigo e do Novo Testamento. Dessa maneira, a população analfabeta começou sentir-se parte da religião católica e, assim, começaram a fazer uma relação entre as histórias bíblicas e suas vidas. Com isso, começou a surgir um sentimento de pertencimento a tudo o que era proposto e contemplado pelas passagens convertidas em imagens, algo que era distante pelo abismo de não entender nenhuma palavra da Bíblia Sagrada, como afirma Manguel (1997), em sua obra “*História da Leitura*”:

Para os analfabetos, excluídos do reino da palavra escrita, ver os textos sacros representados num livro de imagens que eles conseguiam reconhecer ou “ler” devia induzir um sentimento de pertencer àquilo, de compartilhar com os sábios e poderosos a presença material da palavra de Deus. Ver essas cenas em um livro – naquele objeto quase mágico que pertencia exclusivamente aos clérigos letrados e eruditos da época – era bem diferente de vê-las na decoração popular da igreja, como sempre ocorrera no passado. Era como se de repente as palavras sagradas [...] tivessem sido traduzidas numa língua que qualquer um [...] podia entender (MANGUEL, 1997 *apud* AUTOR 2, 2015, p. 39-40).

No início do século XX, houve o surgimento da expressão “*Histórias em Quadrinhos (HQ)*”, nesse período as imagens articuladas com palavras passaram a se organizar estruturalmente e a ganharem balões com a fala dos personagens dentre outros recursos que viriam a ser incorporados a essa linguagem. Conhecida como a primeira arte sequencial (termo criado pelo americano Will Eisner), nesse novo formato, a HQ “*The Yellow Kid*”, do cartunista Richard Outcault, surgiu em 1896, antes mesmo que houvesse um consenso sobre o termo para esta forma de arte. Apesar deste dado fortemente difundido na bibliografia da área, há registros anteriores que datam de 1869, da publicação de quadrinhos no Brasil, de autoria de Ângelo Agostini (WERGUEIRO, 2002).

Imagem 1 – Fragmento de As aventuras de “Nho-Quim”, de Ângelo Agostini



Fonte: <https://onart.net.br/dia-do-quadrinho-nacional/>. Acesso em: 30 mar. 2020.

Na Argentina, os quadrinhos também possuíram uma trajetória particular, sendo projetados nacionalmente e internacionalmente nas primeiras décadas do século XX, sob forte influência dos estúdios Walt Disney. Personagens consagrados da arte sequencial argentina foram construídos aos moldes e semelhanças daqueles do estúdio americano, como Patoruzú, Patoruzito e Isidoro, que ajudaram a difundir os quadrinhos no país na primeira metade do século XX.

Posteriormente, os quadrinhos argentinos se desenvolvem ao ponto de atingir novos públicos e novas perspectivas, em que os personagens mais sérios e densos, como Corto Maltés, El Eternauta e Sargento Kirk surgem nos periódicos e compilações de circulação nacional (RAMOS, 2010). Nesta leva, somos apresentados a um dos grandes cartunistas que o país iria projetar que foi Joaquín Salvador Lavado Tejón, popularmente, conhecido como Quino, que daria à luz a personagem Mafalda e sua turma, sobre a qual discutiremos mais detidamente a seguir.

2. Quino, Mafalda e as relações de autoridade

Quino criou a sua mais famosa personagem em março de 1962, para uma campanha publicitária de uma empresa de eletrodomésticos chamada Mansfield. A empresa pediu que o nome da personagem se iniciasse com a letra “M”, a inicial da empresa. Dessa maneira, Quino escolheu Mafalda, nome de uma personagem do filme “*Dar la cara*” (1962), baseado no livro do escritor e historiador David Viñas, que na época já pertencia à esquerda do cenário político argentino. Dois anos depois, em setembro de 1964, Mafalda é publicada pela primeira vez no jornal “*Primera Plana*”. Depois de alguns anos, passou a ser publicada no jornal “*Siete Días*”, até a sua despedida, em 1973 (COSSE, 2014).

Contudo as Histórias em Quadrinhos de Mafalda foram além das publicações nos jornais já mencionados. O sucesso era tão grande, que as tiras eram lidas diariamente por mais de dois milhões de pessoas não só na Argentina, como também em outros países da América Latina e Europa. O sucesso das tiras da “Menina intelectualizada”, só cresce, visto que muitas gerações que não eram nascidas nos anos 60 e 70, tornaram-se admiradores de suas HQs. Contudo, esse sucesso com o novo contexto da comunicação, atualmente, a personagem possui contas no *Instagram* e *Twitter* e também está disponível em plataformas digitais de leitura. Veremos, mais adiante, que isso se dá não apenas porque Mafalda e Quino refletiam sobre o seu ambiente, como também operaram sobre essa realidade (COSSE, 2014, p. 38). Com o aspecto atemporal das críticas projetadas pela personagem, que não mencionava eventos, locais ou pessoas pontuais, fez-se com que gerações inteiras de leitores pensassem, refletissem e reproduzissem as críticas de Mafalda para o seu contexto local.

Apesar de não possuir tiras inéditas há mais de 45 anos, a personagem segue atingindo novas gerações de leitores. Nas palavras de Isabella Cosse (2014):

Con su lápiz y su genio, creó un personaje formidable: leído por millones, utilizado en luchas políticas y sociales, capaz de impactar en la subjetividad de adultos, jóvenes y niños, varones y mujeres, de diferentes generaciones y países (COSSE, 2014, p. 25)

Para Cosse (2014), Mafalda surgiu em um mundo onde os jovens latino-americanos podiam recordar as lutas dos setores populares por seus direitos sociais e políticos e os europeus os bombardeios da Segunda Guerra Mundial. Em suas palavras, ambos os lados do Atlântico, as gerações de pós-guerra viviam tempos de crescimento econômico e expansão dos direitos

sociais sem precedentes, que permitiu que jovens se distanciassem (como nunca antes havia sido possível) das experiências dos mais velhos.

Essas situações poderão ser percebidas na análise de algumas tiras de Mafalda, nas quais observa o uso do humor como forma de crítica social, partindo dessas interações entre os diferentes sujeitos em nossa sociedade.

Sabe-se que o riso é fundamental em nossas vidas e, talvez seja por essa razão que a maioria dos quadrinhos se sobressaem pelo lado humorístico. Dessa maneira, as HQs, responsáveis por inúmeras reflexões e gargalhadas, são também importantes para a crítica social. Nas palavras de Bergson (2001), o riso está associado diretamente ao humano. Sendo assim, a principal personagem da HQ (Mafalda), é acima de tudo, uma grande questionadora, por vezes sob um viés humorístico e irônico. Além disso, é politizada e sempre informada, ao contrário de seus pais, que ao serem questionados sobre algumas questões políticas e sociais, muitas vezes, não sabem o que responder a menina.

Conforme destacado por Cosse (2014), os conflitos de gerações expostos em Mafalda, oriundos de um reflexo da época, o autor se situava e surgiam nas mais variadas relações e desencadeiam o questionamento da figura de autoridade. Na primeira das tiras analisadas, a autoridade confrontada é a da mãe:

Imagem 2 – Tira de Mafalda



Fonte: Quino, 2004, p. 357.

Como podemos ver, Mafalda questiona a autoridade de sua mãe, não querendo obedecer a uma ordem e perguntando o porquê desta. O que pode ser subentendido é que a mãe ao invés de se mostrar uma figura saudável de autoridade, isto é, uma orientadora, impõe-se sobre Mafalda de forma autoritária, na qual a criança tem que se submeter e abrir mão da sua

individualidade e, assim, passar a se sentir sufocada e em briga constantemente com os pais por espaço. O caráter revolucionário de Mafalda, surge na desconstrução desta figura de autoridade, associando-a a uma via de mão dupla (a autoridade da mãe só existe por haver uma filha). O autor atravessa a linguagem ingênua e despretensiosa da criança para desconstruir a figura de autoridade da mãe.

Essas relações se estendem para outros ambientes do dia-a-dia de Mafalda, a exemplo da escola:

Imagem 3 – Tira de *Mafalda*

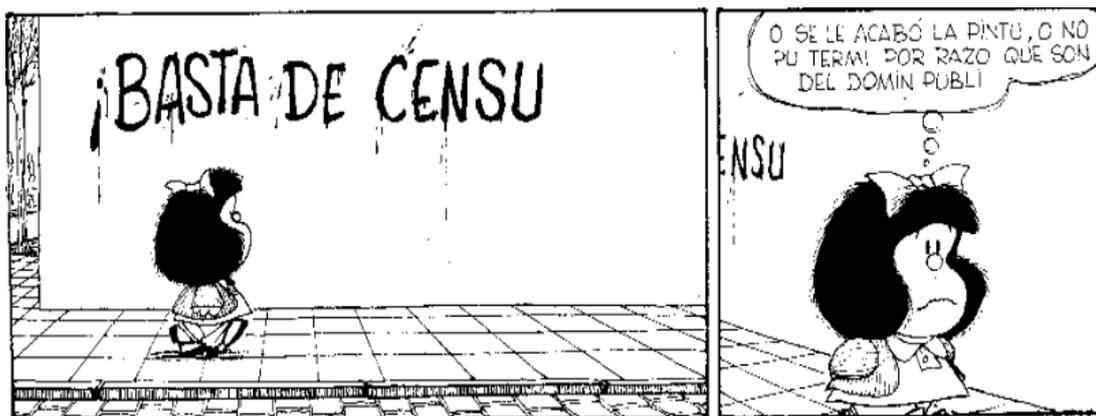


Fonte: Quino, 2004, p. 127.

Aqui, vemos Mafalda em seu primeiro dia de aula, em que os alunos estão no pátio enquanto os professores estão no palco para cumprimentá-los. O que se destaca na imagem é a figura de uma mulher, provavelmente, a diretora da escola, dando boas vindas e os tranquilizando, pois ali eles receberão aquilo que toda mãe oferece: amor. No entanto, Mafalda (questionadora como sempre), demonstra sua alegria em saber que não receberia sopa, pois é o que sua mãe sempre oferece e ela odeia. A respeito disso, o que é possível observar na leitura de toda a obra de Quino, é que o tema “Sopa” é algo recorrente e está relacionado com o ato de imposição ou obrigação, isto é, representa o autoritarismo que Mafalda que se recusa a aceitar, mas no final das contas há de lidar com ele.

O que é possível de subentender, considerando todo o contexto de construção dessa obra e essa relação de imposição da sopa, é que a fala de Mafalda representa uma crítica do autor à escola, por trás de um discurso de amor, existe uma ideologia com o intuito de modelar os alunos conforme os interesses da “Nação”. Na sua relação com a cidade, algumas figuras relacionadas ao autoritarismo também irão surgir, como na seguinte tira:

Imagem 4 – Tira de *Mafalda*

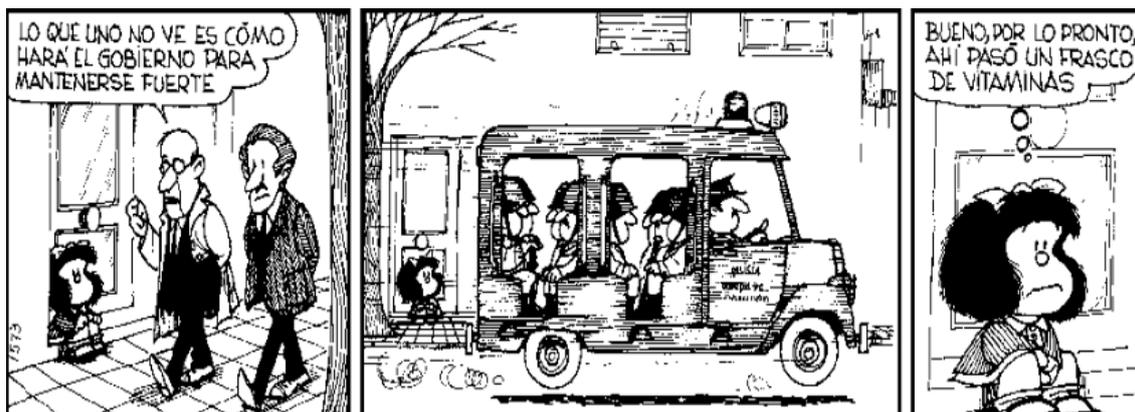


Fonte: Quino, 2004, p. 489.

No primeiro quadro desta tirinha, Mafalda está passeando pela rua e vê um muro com uma pichação, que traz a mensagem: “Chega de censu”. A palavra incompleta que deveria estar escrita é subentendida pelos leitores, mas foi interrompida, evidenciando a censura. No quadrinho seguinte, a personagem faz uma reflexão: “*O se le acabó la pintu,, o no pu termi por razo qué son del domin publi*”. O é possível inferir que assim como a frase no muro, o pensamento de Mafalda também está censurado. Dessa forma, depreende-se que o autor faz uma crítica ao autoritarismo vigente à época (a Argentina se encontrava em pleno regime militar), que implica a falta de liberdade de expressão, evidenciada no protesto do muro e no pensamento de Mafalda.

Por mais que seja atribuído à Mafalda, de acordo com o senso comum, um caráter de personagem “revolucionária”, percebemos, até o momento, que a garota e suas críticas na verdade se ajustam às figuras de autoridade da época: entre uma crítica e outra, Mafalda consegue transitar entre aqueles que exercem a autoridade em seu cotidiano. Sua crítica é, muitas vezes, solitária, ou em interlocução apenas com o leitor externo às situações de opressão que vivencia, como na tira que se segue:

Imagem 5 – Tira de *Mafalda*



Fonte: Quino, 2004, p. 442.

Nesta última tira, podemos observar uma espécie de crítica ao autoritarismo vigente no governo argentino, naquela época constituído por uma ditadura militar. Após escutar uma conversa entre dois senhores sobre a dúvida de como o governo manteria a força. Assim, Mafalda vê uma viatura cheia de militares, subentende-se que essa situação a faz refletir e chegar à constatação de que o “Vidro de vitaminas” do governo, mantém o sistema ditatorial forte com a força militar e todo o medo e violência gerados por essas forças nos anos de chumbo. Estas relações com a autoridade e autoritarismo vigentes também ocorrem por meio das reflexões de outros personagens, a exemplo de Miguelito, com a tira a seguir:

Imagem 6 – Tira de *Mafalda*



Fonte: Quino, 2004, p. 323.

Nesta tira, Miguelito, por meio de sua suposta ingenuidade, pede que o policial vigie o bairro, mas com exceção de sua casa. Ao questionar o motivo, Miguelito fala das voltas que a

vida dá, e especula que no futuro ambos poderiam se encontrar em algum confronto entre militares e universitários, e fala satiricamente que não teria condições de dar pedradas em quem cuidou de sua casa. O humor aqui figura em várias camadas. Primeiramente, no modo terno e corajoso com que o menino comunica algo tão sério a um dos representantes das forças armadas. A figura de autoridade é confrontada por meio do semblante de ingenuidade da criança. Tais estratégia narrativa é lançada, pois, de acordo com Autor 2 (2016), percebe-se na obra que

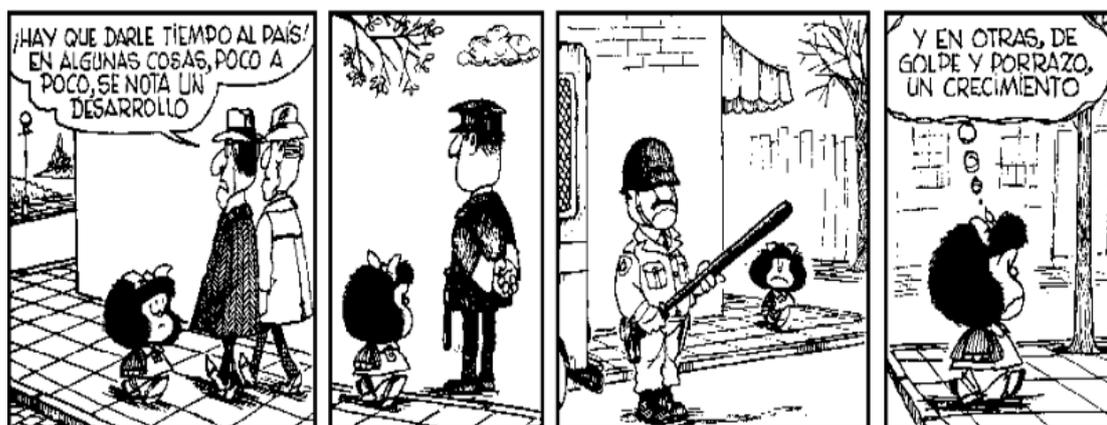
A atmosfera criada por Quino para a série Mafalda é bastante propícia para a reprodução do cômico de ingenuidade: se por um lado temos alguns personagens atuando de maneira completamente distorcida se comparada a uma criança normal da mesma idade, por outro temos situações infantis das mais corriqueiras, que, lidas geralmente por um público adulto, causam o riso e comicidade por um sentimento de identificação. O cômico de ingenuidade se constrói da mais pura essência do comportamento infantil: seja pela expressão de sentimentos típicos da idade ou mesmo pelo desconhecimento de fatos aparentemente óbvios para os adultos. Neste caso, não existe nenhum desvio da realidade padrão, mas o leitor pode identificar o humor como um código de cumplicidade entre a sua experiência prévia e os elementos encontrados nas narrativas, que geralmente carregam um tom infantil (AUTOR 2, 2016, p. 442).

Na tira, podemos perceber a surpresa do policial quando Miguelito prevê um possível futuro confronto com ele na universidade. No momento do diálogo, o agente de polícia está, de forma pacífica, fazendo sua ronda na rua, porém simultâneo a esse diálogo ocorriam na época, como ainda ocorrem até hoje, muitos enfrentamentos entre universitários e as forças armadas.

Essa tira foi lançada nesse contexto político social de luta dos universitários contra a forte repressão que estavam sofrendo do regime autoritário. Apesar da seriedade do caso aparentemente distante do ambiente humorístico da tira, Quino cria uma aproximação entre as duas esferas por meio de uma espécie de “cômico de ingenuidade”, conforme abordado por AUTOR 2 (2016). Somente por meio da arte é possível articular camadas aparentemente tão distintas da realidade: Miguelito, com seu questionamento cheio de ternura, sinceridade e coragem faz o leitor refletir sobre o que realmente os policiais deveriam fazer de seu ofício, evidenciando e o quanto a realidade de agressões contra os estudantes era – e ainda é – contrária a isso.

Os agentes do governo são aqueles mais propícios às críticas e reflexões dos personagens da série Mafalda, como é possível observar na tira reproduzida nesta sequência:

Imagem 7 – Tira de *Mafalda*



Fonte: Quino, 2004, p. 333.

Nesta tira, *Mafalda* reflete sobre as observações de outros: enquanto a “Menina intelectualizada” anda pela rua, escuta um senhor falando para o outro que tinha que dar tempo ao país, que pouco a pouco se notava o desenvolvimento em algumas coisas. Logo após ouvir a opinião do senhor que passava pela rua, ela se surpreende com a presença de um policial. Ao caminhar um pouco mais se surpreende novamente quando se depara com um soldado do exército. Depois de constatar a presença desses dois representantes da força policial da época, ela completa a conversa que ouvirá, dizendo: “Y en otras, de golpe y porrazo, un crecimiento”, algo como “e em outras, abruptamente, um crescimento”, fazendo alusão à repressão policial requisitada pelo governo, necessária para a manutenção da ordem em algumas esferas.

A ironia da tira reside em várias camadas, primeiramente, pelo jogo de palavras com a expressão “De golpe y porrazo” (abruptamente), que utiliza palavras que isoladamente poderiam ser associadas à violência policial. Além disso, o crescimento (econômico, se subentende), observado pelos personagens do primeiro quadro que leva à observação de *Mafalda* no segundo e terceiro quadrinho, com a constatação do cassetete do policial que vigia a rua e, na sequência, a mesma ferramenta ganha maiores dimensões na rotina do soldado, fazendo uma alusão de que o crescimento apontado no primeiro quadro é advindo do aumento da repressão e violência por parte dos militares. Há também um jogo de palavras com a seleção lexical, já que a palavra *porrazo* também deriva de *porra* (cassetete). O fato do encontro surge numa esquina reforça a ideia de algo que se dá repentinamente, como um golpe militar. Podemos perceber, a partir da seguinte reflexão sobre a obra “*O riso: ensaio sobre a*

significação da comicidade”, de Henri Bergson, que o humor consegue tratar de temas de maior seriedade:

Em sua obra, Bergson chama atenção para o fato do riso e do humor não significarem somente uma expressão de alegria, e alerta para a possibilidade das múltiplas possibilidades de manifestação do humor, destacando o potencial crítico desta forma de linguagem, encontrado frequentemente na obra de Quino, que se utiliza dos elementos da comicidade para criticar a sociedade moderna, o capitalismo, as relações pessoais, a política, etc. (AUTOR 2, 2016, p. 439).

Apesar da seriedade com a qual abordamos temas como a violência policial e a repressão, Quino utiliza o humor não apenas para fazer uma espécie de denúncia deste aparato que o governo utiliza, como também para suavizar a questão, seja pelas imagens mentais que observamos por meio da ingenuidade da Mafalda, seja pelas metáforas apresentadas ao leitor para que estes façam suas próprias inferências. Ao abordar a questão pelo viés humorístico, o cartunista argentino suaviza algo que remete a um período sangrento da história de seu país.

A ironia da frase pronunciada por Mafalda, causa no leitor uma série de associações que podem levar ao riso, ao mesmo tempo em que faz pensar criticamente acerca do autoritarismo ao qual estava submetida a população argentina. É interessante perceber que na tira, não existe a comunicação entre o policial e o soldado. E assim, perceber nas figuras dos militares uma postura que impõe medo. Eles estão ali não mais proteger, mas sim, para punir aqueles que não comungassem com os interesses do regime vigente. Em outros momentos, a figura de autoridade se volta para o ambiente familiar:

Imagem 8 – Tira de Mafalda



Fonte: Quino, 2004, p. 175.

Podemos observar na tira que a mãe de Mafalda a proíbe ver a novela por achar que a cena com um beijo é inadequada para a sua idade. Ela desliga o televisor e entrega a Mafalda um livro que se chama “O pequeno polegar”, que apresenta uma narrativa contraditória, pois é um livro infantil, mas que contém a descrição de um crime bárbaro.

Nessa tira a mãe da Mafalda representa uma espécie de censura familiar a época do Regime militar. O livro representa a violência vivida e presenciada por todos, inclusive, pelos jovens e por Mafalda, que, por sua vez, representa todos os jovens que iam às ruas protestar por não aguentarem as inúmeras tentativas do governo controlá-los como marionetes. Eles não podiam realizar certas atividades consideradas inadequadas, mas podiam presenciar e ser vítimas de agressões, sequestros, torturas e assassinatos ao não compactuar com as ordens de um regime autoritário.

Há outros momentos em que as reflexões sobre a autoridade surgem sem necessariamente haver um enfrentamento ou diálogo com as figuras de autoridade envolvidas, como visto na tira com Miguelito, a exemplo da seguinte tira:

Imagem 9 – Tira de Mafalda



Fonte: Quino, 2004, p. 351.

Nesta tira podemos ver uma conversa entre Mafalda e Miguelito diante de um agente da polícia. A “menina intelectualizada” fazia o amigo refletir sobre a verdade por trás das forças militares que eram usadas para oprimir fisicamente e também psicologicamente a população, acabando com os sonhos e ideais de muitos jovens e acabando com a liberdade de uma sociedade.

O humor dessa tira é plantado no quadro em que a frase de Mafalda aparece incompleta, que irá se desenrolar apenas ao final da sátira. Esse ocultamento faz os leitores ficarem atentos

e ao mesmo tempo curiosos para saber qual a mensagem a menina questionadora quer transmitir desta vez. O mistério é solucionado no último quadro, quando nos deparamos com a frase completa no pensamento do policial, que tem uma participação passiva na narrativa, pois em nenhum momento as crianças se comunicam com ele.

O diálogo entre os dois amigos gira em torno da arma do policial, instrumento que se transforma em metáfora da violência de Estado, nomeado “El palito de abollar ideologias”, algo como “O bastãozinho de amassar ideologias”, suavizando, de forma irônica, a figura da repressão policial. A tira termina com essa frase impactante que faz com que os leitores reflitam sobre o autoritarismo vivenciado nos anos 60 e 70 na Argentina.

Há humor também na forma lenta com o policial com que o policial tenta entender a frase dita por Mafalda. Essa situação faz com que os leitores depreendam que a violência e repressão, lamentavelmente, comuns nessa época eram contrárias à inteligência. O caráter atemporal de Mafalda se justifica em situações como essa, que não determina eventos, autoridades ou locais específicos, transformando a tira em uma metonímia do discurso progressista. Nas palavras de Autor 2 (2015), ao analisar outra tira de Mafalda:

O cartunista poderia ter sido mais específico ao compor a tira e mencionar pessoas, lugares ou situações exatas. No entanto, ao optar pela generalização [...], o quadrinho adquire [...] um aspecto mais amplo, temporal e cultural, e atravessa gerações de leitores, de maneira que continua a ser entendido mesmo décadas após a sua produção, sempre tendo seu contexto atribuído à realidade do leitor que o lê (AUTOR 2, 2015, p. 54).

Nessa tira o agente representa como um todo o regime ditatorial e as crianças, a nova geração que não se conformava com as arbitrariedades desse período da história da Argentina. No entanto, a tira ganha um potencial muito maior de acordo com esta estratégia narrativa de Quino de suprimir informações específicas, podendo ser compreendida mesmo nos tempos atuais. Como mencionado anteriormente, ao parafrasear Cosse (2014), observamos que Mafalda também intervém em nosso mundo. Tal efeito pode ser observado no seguinte cartaz amplamente difundido na época, que teve origem a partir da última tira que gerou uma adulteração para expor o seu contraditório:

Imagens 10 e 11 – À esquerda, pôster amplamente difundido na Argentina, originário da sátira anterior. À direita, adulteração que circulou em Buenos Aires em meados de 1975, defendendo o regime autoritário.



Fonte: Cosse, 2014, p. 133; p. 138.

A tira anterior evidencia o potencial da série e o alcance da obra de Quino, que ganhou projeções muito maiores e tornou-se um símbolo de liberdade quase cinco décadas após o seu fim. Tal símbolo foi, incluso, apropriado por apoiadores do regime de extrema-direita, que adulterou a imagem original para justificar a repressão e violência policial, com os dizeres “Graças a este bastãozinho você pode ir à escola”, associando a violência de Estado a uma aparente necessidade de intervenção policial para obtenção da paz, permitindo que os cidadãos pudessem circular pelas ruas. Nestes momentos observamos quão importante Mafalda foi em sua época, ao influenciar movimentos de diferentes espectros políticos.

3. Considerações finais

Nesta breve leitura da personagem Mafalda, observamos quão difícil seria no início dos anos 60, imaginar que o potencial argumentativo contido numa simples tira humorística alçaria voos tão altos, não apenas circulando em meio a um regime que pregava uma rigorosa censura, como também agindo como figura política e resistindo a mais de cinquenta anos, atravessando gerações de leitores.

Ao questionar a autoridade, por meio das sutilezas que eram necessárias à época, observamos como o humor foi uma figura necessária para a construção da narrativa de Mafalda

que ao equilibrar diferentes figuras de linguagem e elementos estéticos, tornou-se um quadrinho atemporal e que ganhou proporções maiores que aquelas inicialmente pensadas (propaganda de eletrodomésticos e tira de jornal).

Por meio da leitura do recorte aqui analisado, podemos perceber como as tiras de humor podem ser reorganizadas para falar de temas tão delicados, como o pensamento vigente por trás de um regime sanguinário vivido em vários países da América Latina na segunda metade do século XX – pese a seriedade do assunto – que por meio da leveza do discurso humorístico, é possível desconstruir o pensamento rígido contido nos argumentos de autoridade. Por isso, Mafalda ainda esteja tão presente em nosso cotidiano, como símbolo da busca de um pensamento libertário diante dos autoritarismos de nosso tempo presente.

Referências

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COSSE, Isabella. **Mafalda**: historia social y política. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.

AUTOR 2. **Humor em quadrinhos**: narrativas gráficas brasileiras e argentinas em foco. Maceió: Edufal, 2015.

AUTOR 2. Categorias de humor na série Mafalda, de Quino. *In*: Congresso Brasileiro de Hispanistas, 8, 2014, Rio de Janeiro. **Anais do VIII Congresso Brasileiro de Hispanistas**. Rio de Janeiro, ABH: 2016.

QUINO. **Toda Mafalda**. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2004.

RAMOS, Paulo. **Bienvenido**: um passeio pelos quadrinhos argentinos. Campinas: Zarabatana Book, 2010.

WERGUEIRO, Waldomiro. **Ângelo Agostini, pioneiro dos quadrinhos**, 2002. <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/angelo-agostini-pioneiro-dos-quadrinhos>. Acesso em: 30 mar. 2020.